CÓDIGO A9 (entrevista)

ENTREVISTADOR: Sua idade

ENTREVISTADO: 40 anos.

ENTREVISTADOR: Qual a composição da família?

ENTREVISTADO: eu, esposa e dois meninos. Um tem 11 e o outro tem 4. A vó chamou eles e eles ficaram todo empolgados. Eu fiquei pensando que por um lado seria melhor, porque lá tem uma condição melhor de estudo e tal, mas não dá não, de jeito nenhum.

ENTREVISTADOR: a sua origem:

ENTREVISTADO: sou catarinense.

ENTREVISTADOR: está aqui a quanto tempo?

ENTREVISTADO: Há 10 anos.

ENTREVISTADOR: Área da propriedade

ENTREVISTADO: 30 hectares.

Qual Sua atividade principal?

ENTREVISTADO: está dividida entre o meu trabalho aqui e lá. Esse ano já vai ser lá (propriedade) o principal. Ainda é agroflorestal, ano que vem vai ser agrossivilcultura.

ENTREVISTADOR: Mão de obra?

ENTREVISTADO: familiar.

ENTREVISTADOR: qual a sua relação com o mercado?

ENTREVISTADO: eu tenho café que não passa por aqui (RECA), tem rambotan que também é outra fonte de renda, e agora vai ter os animais.

ENTREVISTADOR: Esse é direto? Direto com outro mercado. Pra fora.

ENTREVISTADO: Pro RECA: Pra cá (RECA) vem a castanha, o cupuaçu, o açaí, a pupunha e o palmito.

ENTREVISTADOR – Como foi o seu início na região? O motivo pelo qual você veio?

ENTREVISTADO – Eu vim porque eu vim conhecer meu sogro, minha sogra, vim conhecer, vim passear. Eu achei interessante, eu falei que lugar bom de começar as coisas né. Tranquilo, tava tudo muito calmo, aí é o meu jeito né. Roça eu gosto e tava muito estressante vida de professor, né. Trabalhava na periferia de Chapecó, pessoal mal encarado, ficava te testando o tempo todo. Olha que eu fui trabalhar na escola particular achei mais desafiador do que o pessoal da periferia. Molequinho desse tamanho assim falando em advogado, de gritar, não gostei não. Aí valei vamo mudar. Bora. Colocamo tudo que deu dentro do carro e partiu. E viemo morar aqui sem nada,

sem saber o que ía fazer. Mas depois logo a gente teve assim um pouco de sorte. A gente já conseguiu comprar uma propriedade a perder de vista, o pessoal tava querendo ir embora. Aí foi trabalhando, trabalhando, paguei a propriedade, comprei os equipamento e tô lá desenvolvendo minhas ideias né.

ENTREVISTADOR – No caso quando você chegou aqui, já conhecia o cupuaçu?

ENTREVISTADO – Nunca tinha ouvido falar de cupuaçu.

ENTREVISTADOR – Você já tinha a experiência dos seus pais? Da cultura deles lá?

ENTREVISTADO – Isso. Plantar arroz, feijão, madioca.

ENTREVISTADOR – E esse início?

ENTREVISTADO – A primeira vez que eu provei (açaí) eu falei nossa que coisa ruim. Quem é que gosta.

ENTREVISTADOR – Então quando você chegou, viu essas oportunidades, vislumbrou isso. Como foi o teu aprendizado pra você lidar com essas culturas? Pra você começar a plantar? Como foi esse início?

ENTREVISTADO – Eu cheguei aqui, e falei, quero distância de escola né. Aí tava faltando professor aqui, um desespero atrás de professor. Falei não de jeito nenhum. Aí abriram a escola lá, a escola agrícola né. ENTREVISTADO vai pra lá. Aí eu fui pra lá. Aí fiquei 4 anos lá na escola, trabalhando lá com pedagogia, (Dava aula?), sim, pedagogia da alternância, lá. Aí no terceiro ano que eu tava trabalhando lá, eles me chamaram para trabalhar aqui também. Aí eu trabalhava lá e aqui. E aí aquela coisa de fazer agricultura ía ficando meio pra depois. Os primeiros 4 anos. É porque você tem que se dedicar tempo, não tinha como fazer lá né. Aí eu comecei a fazer nos finais de semana assim, logo acho que no quarto ano eu consegui comprar a propriedade lá, aí comecei final de semana, nas horas vagas, feriado. Já tinha uma coisa já plantada lá.

ENTREVISTADOR – Mas você quando começou, nesse período que você ficou vendo as pessoas?

ENTREVISTADO – Vendo, participando de tudo, desde que eu entrei aqui, participei de tudo sabe, tudo que era reunião, ficava só ouvindo né. História de produtor, fazer visita, ficava ouvindo essas histórias. Aí ía montando as figurinhas, pegando aquelas experiencias, na verdade eu peguei uma parte boa né, fui pegando, tive a oportunidade de visitar muita gente, fazendo trabalho aqui e você vai pescando né. Eu fui selecionando um pouco, aí tudo que era pesquisa assim eu acompanhei, essa da EMBRAPA né, eu ficava junto mesmo. Vendo assim as possibilidades né que às vezes ela se distancia da realidade, ela vai um pouquinho utópico, nas utopias e eu já tinha a visão do agricultor então eu consegui fazer as duas, o casamento das duas coisas, né. E aplicando lá um pouquinho né. Um pouquinho, eu não conseguia aplicar tudo porque eu tava aqui, mas assim o que eu conseguia aplicar, eu apliquei de maneira melhor que alguns, não conseguiram essa experiencia né.

ENTREVISTADOR – Nesse período que você está fazendo lá teve alguma coisa que não deu certo?

ENTREVISTADO – Ainda não.

ENTREVISTADOR – Você teve a oportunidade de selecionar esse aprendizado? Esse aprendizado primeiro te oportunizou?

ENTREVISTADO – Pra não cometer o erro dos outros. Eu assim, quando começamos, a gente começou a fazer acompanhamento técnico aqui, a gente começava a acompanhar as reuniões de certificação, eu falei não, é um negócio muito bom né. Então quando eu comecei lá, eu já comecei orgânico. Eu não comecei convencional pra daí virar orgânico.

ENTREVISTADOR – Você já começou certiticado?

ENTREVISTADO – Isso, eu já entrei com o pé. Isso é mais ruim pra quem tá começando, porque assim tem mais desafios a serem resolvidos né. Você tem que fazer tudo de outro jeito, mas eu achei que foi muito bom, porque foi melhor fazer de outro jeito, já fiz do jeito certo. Então as técnicas assim, conhecimento das plantas né, o pessoal fala erva daninha, não existe erva daninha. Toda erva, toda planta ela tem um significado, você tem que saber é interpretar né. Porque que dá tanto um capim, um determinado capim, você tem que saber né. Bom é indicativo de acidez de solo, então você precisa trabalhar com uma correção de solo, de acidez. Não tem erva daninha, erva daninha é um nome criado pelo agronegócio para vender veneno. Erva daninha, não existe erva daninha, não tem erva daninha na natureza, não tem erva daninha, são seres diversos que se você souber usá-los, eles tem alguma coisa a oferecer.

ENTREVISTADOR – Você considera que você já tinha um conhecimento empírico da tua família, da agricultura familiar, e você adquiriu um conhecimento mais científico, das pesquisas e tal e aí você agora pode juntou isso e aplicou?

ENTREVISTADO – E aquele negócio do filósofo, fazer pergunta. Pergunta chata, aquelas perguntas que ninguém faz, a gente tinha que fazer aquielas chata né, que nem aquelas que não deixa passar batido certas coisas. Então toda vez que vinha alguma ideia assim muito fácil né, pergunta difícil, pra ir achando o melhor caminho, então acho que me ajudou muito assim a filosofia. O pessoal fala ah filosofia, devia ser agrônomo.

ENTREVISTADOR – Em cima disso, dessa tua produção, que você já iniciou dessa forma, o que você considera que você foi fazendo de diferente na produção?

ENTREVISTADO – O uso muito de plantas assim. Não é diferente né, é uma coisa que já se fazia, mas aqui o pessoal não tava muito querendo fazer sabe. Eu falei, eu vou fazer, porque se tá escrito que é bom fazer e tem resultados científicos, vou fazer. Parece difícil, mas eu acho que é mais, alguém tem que puxar essa frente, então eu uso plantas, esse negócio de compostagem, coisa assim, coisa que a gente acredita eu acredito muito nesse aí, se expõem mais

ENTREVISTADOR – Você já tá desde o início usando biofertilizante?

ENTREVISTADO – Eu acreditei muito nisso aí. Vai atrás de projeto, vamos fazer um projetinho para bater, porque se você fica falando demais e não têm, o teu discurso acaba caindo. Então puxei muito essa frente assim, eu vejo muito assim, que um diferencial nosso é trabalhar com os orgânicos. Não é nem pra ganhar mais não, é assim, o pessoal acha que tem que pagar mais pelo orgânico, não é por causa disso, é um produto melhor, e é um produto que se você tem um produto melhor e um pior, você vai escolher o melhor né. Então é uma tentativa de você permanecer no mercado né, na concorrência né. Apresenta uma coisa melhor. Eu acho que a gente precisa fazer muito isso, pra continuar fazendo uma coisa bonita, um marketing também espontâneo e vai vender mais. Eu tenho essa expectativa.

ENTREVISTADOR – Você participou de dia de campo?

ENTREVISTADO – Muito, muito. A gente conseguiu fazer vários intercâmbios, dia de campo, é porque também eu tô nessa função de fazer isso mesmo né. Tem que fazer. A gente até faz menos do que a gente queria, porque as vezes o recurso é limitado né, mas tudo que a gente pode fazer, oportunidades de levar conhecimento, ia dizer que a gente tem um projeto grande agora junto com o Fundo da Amazônia, que é um programa do governo federal do BNDEs, a gente executou, foi feito inúmeras, muitas capacitações, o pessoal foi tímido em falar, mas a gente fez trezenas de capacitações de todo tipo, desde boas práticas, a gente fez intercâmbio, viagens, fomos conhecer outras culturas né pra, já que tinha gente interessado em outras culturas, vamos conhecer, vamos ver o que tá sendo melhor feito no estado, o que tá sendo melhor aplicado de técnicas, fomos na Embrapa, fizemos um termo de cooperação com a Embrapa, com a UFAC, com o IFRO, tudo a gente correu atrás para ter oportunidades né. A gente conseguiu estabelecer parcerias com instituições internacionais né. Tem uma instituição alemã de cooperação e desenvolvimento na agricultura, então ela financiou muitas coisas, a gente correu atrás e amarou, e é muito bom.

ENTREVISTADOR – Isso tudo via cooperativa?

ENTREVISTADO – Tudo via cooperativa. A gente fala projeto né. Associação e cooperativa, projeto RECA.

ENTREVISTADOR – E essas parcerias que foram feitas, sempre beneficiam, o agricultor familiar?

ENTREVISTADO – Principalmente, tudo foi para o agricultor. Plantio, a gente conseguiu plantar 300 e poucos hectares novos, numa tentativa de melhorar os arranjos também, por isso foi a parceria com a EMBRAPA, trazer a academia para dizer assim, qual é o melhor modelo? Né. Mais sistemático, que funciona com menos insumos, mais sustentável e econômico né. Nada a gente pode fugir do econômico. E então a gente conseguiu dá um passo, foi pequeno, mas assim é por lado certo né. Porque você vê a gente tem arranjo de 30 anos atrás, 30 anos atrás não tinha conhecimento tanto assim, que nem a gente tem hoje né. Muitas universidades, muita gente se debruçou sobre esse tema, da agrofloresta, dos arranjos, de estudar o solo, a vida do solo, a interferência da luz solar, controle.

ENTREVISTADOR – Ao longo desses anos, essas parcerias foram se somando para chegar no que se tem hoje?

ENTREVISTADO – Isso. Principalmente para o nosso mundo né.

ENTREVISTADOR – Sempre aconteceram esse aprendizado com os vizinhos, outros agricultores?

ENTREVISTADO – Sempre, muito muito. Que a experiência que a pessoa teve. O sacrifício lá traz assim, essas histórias que a gente vai ouvindo né, vai entendendo que cada coisa que foi construída aqui teve muito sacrifício né. Então o valor é outro. O valor é totalmente diferente.

ENTREVISTADOR – No teu caso, você iniciou praticamente há 6 anos.

ENTREVISTADO – Comecei a trabalhar mesmo há 6 anos.

ENTREVISTADOR – Você acha que tem diferença na tua produção de quando você iniciou pra hoje?

ENTREVISTADO – Tem muito. Que quando eu iniciei, assim meu conhecimento era aquele de plantar né. Eu vi os plantios né. Eu comecei a ouvir assim, ah tem a broca, tem a vassoura, tem isso, tem aquilo, não pode plantar muito castanheira, que as castanhas caem na tua cabeça. Então já fui fazendo um pouco assim, depois aí esses conhecimentos de agroecologia, que é um negócio que nunca tem fim né. Você vai conhecendo, vai se aprofundando mais, e eu sempre me dediquei a estudar sobre isso, porque eu gosto dessa área assim, coisas que tem relação com a vida né, tudo que proporciona a vida é bom.

ENTREVISTADOR – Você foi focando em mudanças sempre nessa vertente?

ENTREVISTADO – Por exemplo se eu tivesse começado convencional, eu tenho certeza que eu teria mais capital financeiro, eu diria assim. Por exemplo, café, se eu tivesse aplicado aquele pacotinho técnico que vem vendido junto com o café né, eu teria ganho mais dinheiro, mas durante um tempo, depois eu teria que ter arrancado todo o café e plantado outra coisa. Então eu consegui ganhar um pouquinho de dinheiro, mas eu continuo ganhando dinheiro e espero ganhar mais dinheiro. E todo mundo falava assim: “Não café, Deuso livre, não trabalho com café”. Eu não sei, eu não sei trabalhar com café até hoje assim. Mas eu fui estudando algumas coisas e vou aplicando né. Até agora tive boas, bons resultados, ele é todo orgânico, sempre trabalhei só com insumos orgânicos né. Aí depois eu começo fazer contas, a gente teve treinamento e capacitação de administração, de gestão e de análise financeira do negócio de floresta né. Aí você começa a fazer conta também né, pra ter noção do que você tá fazendo. Aí eu fiz a conta, bom, para usar esses insumos bosta de vaca, xixi de vaca, é de graça. Então eu não gastei quase nada, mais foi meu trabalho, que eu gastaria do mesmo jeito se eu tivesse fazendo outra aplicação de outra coisa. Então apliquei isso. Foi menor a produção, foi um pouquinho menor, porque eu também não consegui instalar a mais assim, mas foi menor, mas se eu contabilizar aquela produção, ela saiu totalmente sem muito investimento, então não arrisquei pegar financiamento, não me endividei e teve o

resultado. Eu acho, que talvez até se a gente colocar tudinho mesmo assim e se eu tivesse conseguido vender ele com selo orgânico, eu tivesse ganho muito mais do que quem aplicou, tivesse tirado 50, 100 sacas.

ENTREVISTADOR – E você não usou o pacote pronto, não usou os fertilizantes e ainda está agregando valor a própria natureza.

ENTREVISTADO – Isso, e eu já consorciei café com açaí, com cupuaçu, alguma coisa deu errado né, assim não foi correto fazer ao mesmo tempo né. Se eu tivesse feito em tempos diferentes teria dado mais certo. Mas tá lá o plantio, tá realizado, o café tá produzindo, o cupuaçu começou a produzir esse ano e o açaí vai produzir logo assim, tá plantado, tá lá. Então deu certo no sentido assim, todo mundo tá lá ainda, mas deu um pouquinho errado porque todo mundo no mesmo tempo não deu muito bom, porque o café veio muito rápido né. Eu não tinha essa noção que o café crescia tão rápido. Daí abafou o cupuaçu. Pro açaí foi 100% eu acertei, pro cupuaçu eu errei. Mas tá produzindo assim mesmo. Ou eu devia ter feito só café e açaí, depois num terceiro momento, quando o café começa a ficar mais velho, que a gente precisa fazer uma poda drástica, aí o cupuaçu taria num momento de, mas tá lá, vai produzir. Aí eu plantei uma área do lado, e do lado eu vou fazer do jeito certo.

ENTREVISTADOR – Em relação a administração e gestão, você disse que teve cursos.

ENTREVISTADO – Eu não aplico muito aquelas planilhas, eu estudei Sartre, conceito de liberdade, e aquilo me marcou de um jeito assim, nada pode ter determinismo, por isso que eu não gosto nem de guardar muito, mas eu guardo, quando eu precisar eu vou ter que procurar de novo, fazer essa pesquisa vou ter que fazer de novo. Não sei se é muito bom isso, mas.

ENTREVISTADOR – Então você não é aquela planilhado.

ENTREVISTADO – Não consigo, todo ano eu começo, mas todo ano eu não concluo. Era o ideal fazer né. Que nem meu sogro lá, é um alemão é mais do Kant. Kant é determinismo, ele anota tudinho, tudinho, você pede um pé de cana pra ele. No outro ano ele lembra que o você tem que devolver o pé de cana. Ele é rigoroso.

ENTREVISTADOR – Em relação à tecnologia você fez alguma modificação?

ENTREVISTADO – Eu nos plantio, eu já comecei, eu sou meio preguiçoso também, preguiça tem tudo a ver com filosofia. Aí eu fui fazer os plantios, eu vi aquele pessoal cavando assim, eu falei, não, isso não é pra mim, aí eu peguei, eu já tinha trator, eu fiz um equipamento atrás do trator que vai rasgando o solo e já vai fazendo o alinhamento e a cova já. Então facilitou demais e foi bom porque aprofundou rápido as raízes né. Então quando chegou o período de seca, aquelas covinha que o pessoal tava fazendo, morreu, porque tinha pouco espaço e a terra dura, a raiz chega lá e para, bate lá e ela demora para conseguir. E no meu não, ele já foi lá embaixo, porque eu rasguei bem fundo né.

ENTREVISTADOR – Então você que fez essa adaptação?

ENTREVISTADO – É claro que eu copiei alguma coisa, olhando, pesquisando, mas aqui fui o primeiro que fiz, plantei todo café assim, foi rápido, foi rápido demais porque você alinha né. Aí você vai em um minuto você faz um horror de espaço e fica tudo alinhadinho assim. Você olha aqui dá alinhamento, você olha aqui dá alinhamento, você olha aqui dá alinhamento, pra limpeza é muito mais fácil. Se você quer roçar assim, até que o trator conseguiu transitar no meio do café, eu fui com o trator né, aí depois você roçava assim, agora eu roço assim só com a costal né, ficou bem mais organizado.

ENTREVISTADOR – Você acha que tem alguma dificuldade de adquirir alguma tecnologia voltada para atividades que se desenvolve?

ENTREVISTADO – Eu tenho algumas que eu ainda tô buscando, eu ainda vou conseguir comprar pra facilitar transporte, movimentação dentro do plantio. O trator ele é assim importante num momento pra alguma atividade, mas nem para toda ele serve depois né, a planta começa a crescer fica mais fácil e vai tomando espaço. Eu já plantei um pouquinho mais organizado para usar animais, mas também ele compacta muito o solo né, se passar demais, então eu preciso de um equipamento mais leve que faça também a mesma atividade.

ENTREVISTADOR – Por enquanto você tá fazendo alguma coisa alternativa ou não?

ENTREVISTADO – Por enquanto eu tô usando as plantas para descompactar o solo né. Essa daí, que ela tem, então eu uso bastante ela, o margaridão, uma porque ela é um adubo, ela tem raízes que vão profunda, então abrem galerias no solo né, oxigenam o solo, produz muito, aí você vai e corta na parte aérea e põe cobrindo o solo né, então você mantém o solo coberto, muita matéria orgânica, ela produz muito volume assim né. Então essa matéria orgânica também vira adubo. Se transforma numa espécie de compostagem com o tempo ela vai deteriorando e vira ciclos nutrientes né.

ENTREVISTADOR – Isso você aprendeu em algum lugar?

ENTREVISTADO – Isso, pesquisando. Isso, aí eu trouxe pra cá, vamo plantar aqui e vamo divulgar né, vamo divulgar porque os produtores precisam saber que essa planta é muito boa , é fácil de lidar, ela é fácil de multiplicar, e ela é fantástica pra você conhecer né, porque é uma coisa de graça né. Que o produtor no primeiro ano, a gente perdeu muita muda por causa do sol. Falei não pode, a gente tá 30 anos trabalhando com agrofloresta e você perder muda por causa do sol, não tem, tem alguma coisa errada aí. Porque não faz sombreamento, não se prepara pro verão, não se prepara pra seca, então tem que se preparar né. A gente tem aqui um banco de sementes de leguminosas, que é assim, quem se interessar né. A gente fica divulgando, tem que ficar conversando com o agricultor. Tá disponível aqui, você pega muda aqui. A gente, vários intercâmbios, várias pessoas que vieram aqui trouxeram alguma coisa, a gente faz troca de sementes e de, do Brasil todo né. A gente tem disponível várias aqui.

ENTREVISTADOR – Você considera que houve melhorias de bem estar, na qualidade de vida da tua família?

ENTREVISTADO – Muito, muito, a gente, bens materiais, conforto, carro, tem trator, a gente vai, viaja todo ano, então, antes não tinha condição de viajar todo ano né. Hoje já posso, já tenho assim, meu salário aqui, ela tem o salário dela lá , e a gente tem o terceiro salário que é da propriedade né. Então o café sempre é pra viagem né. Café é só pras férias. O resto é pra investir.

ENTREVISTADOR – Como é que você faz a questão do controle da produção e a qualidade da produção?

ENTREVISTADO – Lá como é um plantio jovem, ainda assim, ele tá sendo bem manejado, então tenho poucos prejuízos lá assim de, como alguns tem muita broca, muita vassoura, lá ainda não tem. E não vai ter, porque se eu continuar fazendo manejo, não vai aparecer né. Então já tem uma melhor qualidade de produto que chega aqui pra, um produto mais íntegro, melhor, é orgânico, eu fiz também seleção de sementes, selecionei as sementes que eu fui plantar, quando eu fiz os meus plantios, cuidei pra pegar sementes de frutas que eu achei que eram melhores e maiores, casca mais grossa, arquitetura da planta melhor. E eu também usei um conceito que aprendi aqui né, com o pessoal técnico, que é de variação genética, variabilidade genética, quanto mais você misturar várias plantas, né, mais fortes elas se tornam né, menos suscetíveis a alguma praga né, então apliquei também isso. Eu fui atrás de material novo, a EMBRAPA tinha lançado o material lá no Pará, comprei esse material, divulguei pra comunidade toda, tanto do açaí, quanto do cupuaçu. Tinha dois materiais lançados lá, isso agrega né, porque é um material novo. E também, porque o que aconteceu, muitas, muitos plantios foram realizados assim. Viu meu sogro falando hoje, que plantou um pé aqui em casa, na minha casa aqui e pegou toda a semente desse pé só, e plantou toda a área dele. Então a área dele é muito assim parecida, é uma família só. Se uma praga atacar, pode atacar todo. Entendeu? Essa variabilidade genética é importante por causa disso. Ataca uma, não ataca tudo né. Isso é um conceito. A gente já observou também que algumas plantas tá dentro de um pomar, não dá vassoura, mas você vai testando né. Vai usando esses pelo menos né. Eu fiz um pouco disso.

ENTREVISTADOR – A questão do uso dos recursos internos da propriedade, você reaproveita?

ENTREVISTADO – Eu tô tentando fazer com que ela seja autossustentável, é um conceito difícil de atingir né, precisa sempre trazer alguma coisa de fora, um composto, alguma coisa, mas eu quero chegar num momento que seja assim mínimo possível né. Por isso que os animais lá vão ser introduzidos, porque lá eu vou ter os insumos pra fazer o biofertilizante lá. Então eu vou ter a urina, as fezes lá, aí banana eu já tenho lá, é, o resto vai sendo produzido lá, cascas, resíduos. Essas plantas mesmo assim, elas produzem muita coisa que a gente pode aproveitar, as ervas daninhas.

ENTREVISTADOR – E a questão dos resíduos, você manda pra cooperativa?

ENTREVISTADO – É os frutos, todos vem pra cá, daí são processados, o resíduo que é gerado fica aqui e depois eu levo para lá, mas lá assim não tem resíduo né. Tem o lixo da casa que a gente, como tem a certificação é obrigatório cada um queimar, coletar

separado com matéria orgânica né. E trazer só o seco pra destinar, a gente tem uma caixa aqui do lado aqui, que é só pra trazer esse lixo de casa né. Plástico, garrafa, essas coisas. Traz e põe aqui, você não pode queimar e nem deixar jogado. Então não tem assim resíduo.

Léo – Todo mundo tem que trazer?

ENTREVISTADO – Os orgânicos é obrigatório, mas todo mundo devia trazer. É um padrão que a gente aprendeu e tem que aplicar, pros orgânicos é obrigatório, mas pros outros é recomendável.

ENTREVISTADOR – Olhando pra tua propriedade hoje. O que que você considera de mais diferente que tá agregando valores para você?

ENTREVISTADO – A diversificação. Eu tenho um, eu trabalhei um pouco de tudo né. Por que alguns falaram assim que tem alguma dificuldade. Por exemplo, lá tem semente de pupunha, tem café, tem rambotan, tem cupuaçu, tô plantando açaí, tem a castanha que é nativa, eu plantei também castanheiras. Então eu vejo assim que você tem muitas coisas, eu plantei limão, laranja, o que eu acho na minha frente eu planto, de maneira organizada. Plantas exóticas, até eucalipto plantei lá agora né, porque eu vou precisar de estaca pra fazer a cerca. Então assim eu vejo que é uma propriedade que ela vai ganhando valor, porque ela tem diversidade. No momento pode ser que o café vai não me dá tão bem, mas aí o rambotan me salva, a pupunha me salva, como já me salvou um ano assim que foi. O mercado é meio assim, você tem que tá com várias escoras aí pra, e o animal agora ele vem para somar porque eu tenho custo para fazer roçada né. Eu tenho que fazer 3 roçadas, é rápido porque tem o trator, mas gasta né, você gasta dias e gasolina, combustível né. Se eu tiver o animal que come o capim vai me fazer um serviço e eu vou ter o animal ainda né. Então eu tô pensando em agregar mais valor né. Diversificando ainda mais as minhas fontes de renda lá na propriedade.

Léo – O gado costuma comer algumas dessas folhagens? Ou não?

ENTREVISTADO – Essas aqui, elas também tão plantadas pra isso né. Ele se alimenta delas, tem 20% de proteína, é indicada para o animal, ela tem propriedades medicinais também, atrai muitos polinizadores né, porque tem uma flor amarela, chamativa, polinizador faz todo sentido.

ENTREVISTADOR – Você conseguir pegar o melhor de todos e aplicar?

ENTREVISTADO – Eu digo assim é bem difícil você conseguir aplicar o conceito e ir fazendo com que eles trabalham em um sistema assim, trabalhar no sistema, a gente fala assim, trabalhar com sistema agroflorestal, mas na maioria dos casos, a gente não consegue trabalhar o conceito sistema, porque a engrenagem não roda sabe. Não tá conseguindo fazer a sistematização das coisas né. Aquele arranjo que a gente viu lá com as castanheira, o cupuaçu e o gado. É um sistema, porque que eu digo que é um sistema, porque tem uma conexão entre as coisas né. A castanheira não tá fazendo, tá colaborando com o cupuaçu, porque ela tá num outro nível né não faz, ela não atrapalha diretamente o cupuaçu, ela produz sombra pro cupuaçu, ela produz matéria orgânica

né, folhas, galhos. O cupuaçu se aproveita dessa sombra, desse material, tem um capim que tá ali, o animal e devolve um pouco de urina, então tem um sistema ali, estabelecido né.

ENTREVISTADOR – Quanto tem as feiras, você participa?

ENTREVISTADO – Eu fui em muitas feiras do meu trabalho aqui. Eu levo café, rambotan, eu vou em bastante em feira com rambotan. Mas eu, como eu mesmo né.

ENTREVISTADOR – Como é a aceitação dos produtos pelos consumidores?

ENTREVISTADO – Eu acho boa, muito boa. O rambotan é muito procurado, castanha assim todo ano eu produzo um pouco, e é uma receita boa né. Elas são nativas né. Devem tá lá, sei lá, uns 300, 500, 1000 anos, não sei quanto tempo tem uma castanheira. Eu comprei o sítio só para causa das castanheira, eu ficava olhando assim, o cara falando não, aqui você pode plantar milho, você pode plantar capim, eu falei nossa, o cara nem sabe o que ele tá falando, Essa castanheiras aqui tinha mais de 60 castanheira, numa área bem pequena, gigantes, assim um negócio gigantesco, eu ficava olhando né. Que lá no Sul, você não vê assim árvore tão grande. Eu falei nossa quanta madeira gente, quanta história deve ter isso aqui, os índios deve ter passado por aqui. Então tem uma diversidade das coisas.

ENTREVISTADOR – Você acha importante essa questão das relações de atores, cooperativa, produtor, associado, distribuidores, instituições? Como você ve essa relação dessas entidades?

ENTREVISTADO – Eu vejo assim que hoje nosso projeto ele tá num patamar assim que dificilmente você encontra outra organização com o nível que a gente conseguiu chegar hoje assim né. Porque que eu digo isso né? Porque a gente tem as academias todas se interessam pela gente, se oferecem pra produzir conteúdo, pesquisa para gente, de graça, a gente não precisa correr atrás, divulgar, a gente tem muita mídia espontânea que divulga, a gente fez matéria Globo Rural, a gente fez matéria Globo Rural, capa da Globo Rural a gente fez. É. A gente recebe muito estagiário que vêm de outros países né, americano, alemão tem muito, tem francês. Então a gente tem assim, e a gente conseguiu projeto do carbono, quem é que tem projeto carbono, todo mundo fala, eu achei que era um negócio lá, futuro, a gente já tem, já tá recebendo desde 2013, recebendo grana, dinheiro. A gente não tá sabendo usar direito ainda eu diria, porque é um capital que não vem da produção, ele vem da nossa história né, e deve ser aplicado pra garantir continuidade da história com avanço, com melhorias né. Some e não produz nada. Então a gente tem toda condição de fazer uma revolução agora pra, por isso que falam como a indústria 4.0, uma coisa mais vertical, agregando valor né. E a gente precisa aproveitar mais o que a gente já tem de história da nossa marca né. A gente tem pouca associação da marca com nosso produto. A nossa marca é muito forte, é conhecida, tem um valor inestimável, assim o valor da marca né, conhecida, só que ela não tá associada com o produto. Em tudo que eu participei assim, a pessoa falava: ah o RECA, palmito RECA, só o único produto que tá associado com a nossa marca, porque vocês viram ali tá no pote do palmito né a marca. E você compra, você vai no mercado

você compra a marca e leva pra casa. A nossa polpa, você não encontra em lugar nenhum com a nossa marca.

ENTREVISTADOR – Não tem nome?

ENTREVISTADO – Não não tem. Aqui talvez você encontre alguma coisa, mas só aqui né. Ninguém, é ruim de levar polpa congelada. Um caminhoneiro vai passar aqui e vai levar polpa? Vai chegar ali na divisa já tá mole já. Então a gente, não leva a nossa marca, eu diria que a gente precisava ter outros produtos que levassem a nossa marca. Café levaria, cacau levaria, chocolate levaria, porque você coloca num saquinho, não tem grande esforço pra você armazenar aqui, ou transportar. A castanha, nossa, a castanha tá fácil né. É o produto mais fácil que a gente tem pra fazer, ou então a gente não tá aproveitando direito a Marca né, pra vender, porque nós somos uma indústria, e agricultores que precisam de venda né, pra subsistir. É eu acho que é um pouquinho daquilo que a gente observou assim, eu observo muito assim a gente tem um sistema agroflorestal, pecuária, sistema agroflorestal, 10 vezes mais eficiente, mas aí o agricultor tá ainda , entendeu. Enquanto que a pecuária não, a pecuária tá pagando, eu tô com dinheiro no bolso e a vaca cria e cria de novo. E as vezes o sistema ainda causa uma certa, igual o Daniel falou ontem lá, uma certa insegurança, porque eu vou ter que trazer aqui e vamo ver se vai vender, vamo ver se vai receber depois de vender, depois que receber, vamos ver se cobriu os custos né, os custos nosso é alto. Se sobrar a gente vai te pagar. Então dá uma certa insegurança no agricultor que depende muito de vários atores nessa. Enquanto que a pecuária não, depende só de ter o animal.

ENTREVISTADOR – Se eles conseguem fortalecer a marca pra outros produtos, talvez eles tenham essa segurança como consequência.

ENTREVISTADO – Total. A gente já tá produzindo, o agricultor já tá fazendo o principal, é produzir. Tem cooperativa que nasceu, não sei se vocês acompanharam aqui, quando ouve as instalações das usinas, teve as compensações da usina. Das usinas, das duas né. Os cara fizeram uns elefante branco lá no meio do mato, não tem produção, mas tem uma coisa moderna lá, montada, mas o pessoal não sabe produzir. Eles não gostam daquilo, eles tavam no barranco do rio pescando, agora foram colocados para produzir, já ganharam uma agroindústria, já ficam assustado né. Ter que organizar aquilo tudo, aquela coisa lá, eles tiverem aqui esses dias, eles tão desesperados porque tem uma agroindústria lá com expectativa gigante né, de produzir alguma coisa, não conseguem porque nem organização eles não sabem organizar também.

ENTREVISTADOR – Você já foi um beneficiário dessa história do RECA?

ENTREVISTADO – Sim a base já tava toda preparada. O alicerce.

ENTREVISTADOR – Você recebeu alguma ajuda de instituição local, pública?

ENTREVISTADO – Recebi assim atrás dos projetos que a gente realizou né. O RECA recebeu e depois passou pra mim. Pra apoiar na minha produção, por exemplo a gente fez um projeto junto com o fundo Amazônia. O fundo Amazônia apoiava novos plantios, então a gente pega, hora máquina pra novo plantio né. Você vai lá e executa hora

máquina né, sei lá, fazer coveamento, a limpeza, gradagem, um adubo, a muda, uma ajuda pra fazer o plantio.

ENTREVISTADOR – Isso também está acessível para outras pessoas?

ENTREVISTADO – É acessível pra todo mundo. Teve até que correr atrás das pessoas pra dar benefício para elas. É porque era assim, veio, a gente tinha se preparado pra fazer esse projeto né. A gente consultou a base, a base falou não, é isso mesmo que a gente qué, mas depois, chegou né, o pessoal não acreditou, vai acontecer nunca né. Aconteceu, chegou, agora tem que fazer. Vocês falaram que iam fazer, agora vão fazer né. Ta aí, tem que fazer agora. Foi projetado, o dinheiro tá aí, eu não vou devolver dinheiro, eu não vou devolver dinheiro, vamos executar, aí foi, foi, foi, foi, 4 anos a gente conseguiu executar, a gente construiu as agroindústrias novas né. Então beneficia a mim né, porque só tem sentido se tiver o produtor entregando o fruto. E assim consolidou aquela insegurança que a gente tinha, a gente tinha épocas aí que a safra ia lá na cerca de tanto volume, aqui na frente aqui. Era muito, muito volume né, não dava conta, é pequeno né. 30 anos processando ali, tudo na mão, agora a gente mudou lá pra baixo, tem maquinário agora, um fluxo rápido, um fluxo assim você entra com o fruto, processa o fruto, embala o fruto, guarda o fruto, tá tudo em linha assim né, o fluxo, facilitou e muito.

ENTREVISTADOR – Isso foi com esse projeto do fundo Amazônia?

ENTREVISTADO – É, com o projeto.

ENTREVISTADOR – Isso tem quanto tempo?

ENTREVISTADO – Acabamos agora em 2019, concluímos, 4 anos, é 15 a 19. Foi um bom investimento. Agora a gente tá executando projetos menores assim né. A gente tem projeto com a UFAC, pesquisas pequenas né. Pesquisa sobre integração de sistemas, a gente tem um projeto com o pessoal da Vale do Rio Doce, que tá trazendo uma proposta assim, de Impacto né. Investimento de impacto, eles não querem mais dar dinheiro pra um, eles querem dar dinheiro pra gerar dinheiro, dá dinheiro não, eles querem investir dinheiro pra recuperar dinheiro, e criar uma cadeia que a partir de então começa a funcionar né, bem. Então eu vejo assim que é isso aí que a gente precisava. Esse tipo de coisa que faz todo sentido aqui para nós né. Então eles vão trabalhar com pecuária, com sistemas agroflorestais e integração de pecuária com sistemas agroflorestais. Era uma coisa que a gente tava pensando que a gente tinha que ter feito já a mais tempo, mas não foi possível e agora vai ser possível fazer agora.

ENTREVISTADOR – é pra 2021?

ENTREVISTADO – Já começou. A gente fez até uma reunião anteontem pra projetar como é que vai ser esse ano né, quantos hectares, que tipo de área, o que que se espera, qual é a nossa parceria né, porque eles vão plantar muita área, cupuaçu, castanha, pra quem? A gente não vai conseguir absorver tanto também assim, a gente tem um fôlego ainda, mas tem que preparar né. Vir toda essa produção para cá, a gente não vai dar conta.

ENTREVISTADOR – E como você falou parece que tem produtor que não estão junto?

ENTREVISTADO – Tem produtor que não produz nada. Mas normal assim. Todos lugares tem né. A oportunidade tá oferecida, e tá aí. Alguns produtores se equivocaram assim no sentido de querer ganhar mais se plantar mais, o que que ele arrumou pra ele, mais trabalho, não vai ganhar mais, vai ter mais trabalho, e aí ele desanima um pouco, ele trabalha muito e tem o mesmo resultado, agora quando a gente trabalha, com indicadores com produtividade. Ele ía usar um pouquinho das nossas ferramentas, é fazer conta. Às vezes o cara vem aqui e diz, ah eu quero plantar açaí. tudo bem ótimo, mas açaí o senhor sabe que só vai dar daqui só 8 anos né você vai aguentar? O que vai acontecer daqui 8 anos. Porque que o senhor não planta café? Café vai dar no ano que vem, e açaí embaixo do café, eu fiz isso ainda vai. O açaí tá vindo daqui a 8 anos, não vai ter café, mas vai ter açaí, mas ele quer plantar açaí, ele não quer plantar café, não vai dar certo. Assim ele não vai aguentar. Ah mais eu não gosto de café, também não gosto mas ele vai pagar as tuas contas, Eu também não gosto mas paga as minhas contas.

ENTREVISTADOR – Qual o endereço da tua propriedade?

ENTREVISTADO – Ramal laranjal, km 8

Léo – São 10 grupos.

ENTREVISTADOR – Qual o seu grupo?

ENTREVISTADO – Grupo pioneiro 1

Léo – Essa escolha de grupos, como é que funciona?

ENTREVISTADO – Geralmente é por aproximação, assim por geografia, ou afinidade, por exemplo, o da eletrônica, longe pra caramba, dá 40 km, e todo mês tem reunião né, nenhum da eletrônica vai escolher participar de um grupo do pioneiros, porque a nossa reunião é aqui, aqui no salão aqui, então ele não vai se deslocar, ele vai no grupo dele que é lá mesmo. E ai tem um grupo aqui, ele foi crescendo tanto, ficou tão grande que precisou rachar ele em três, aí ficou pioneiros 1,2 e 3, Formou 3 grupos, como tem grupo que vai encolhendo e chega num momento que ele some, fica um ou dois, daí ele vai pra outro grupo, mais próximo.